



Lição de Botânica, de Machado de Assis: breve apresentação

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14911842>

João Roberto Faria¹

É bastante oportuna a iniciativa da *Revista Dramaturgia em Foco* de publicar, a partir deste número, uma peça teatral de autor brasileiro. Facilitar o acesso dos leitores à nossa dramaturgia tem um mérito inegável. E nada melhor do que começar com uma produção de Machado de Assis, cujo interesse pelo gênero dramático foi enorme em sua juventude literária. Em 1859, com vinte anos de idade, ele tornou-se crítico teatral do jornal *O Espelho*; em 1861, publicou sua primeira comédia de autoria individual, *Desencantos* – antes havia feito algumas adaptações; entre 1862 e 1864, foi censor do Conservatório Dramático Brasileiro; nesses mesmos anos, traduziu uma dezena de peças para as companhias teatrais que atuavam no Rio de Janeiro.

O envolvimento de Machado com o teatro está bem documentado em estudos críticos e biográficos, como *A juventude de Machado de Assis*, de Jean-Michel Massa e *Vida e obra de Machado de Assis*, de R. Magalhães Júnior. A parte desse envolvimento que interessa ressaltar aqui é a do comediógrafo. Começemos por uma contextualização, isto é, por informações acerca da vida teatral no Rio de Janeiro, na virada da década de 1850 para a seguinte.

Um grande ator romântico, João Caetano dos Santos, seduzia boa parte dos espectadores com seu estilo grandiloquente de atuar, no Teatro S. Pedro de Alcântara. Tragédias neoclássicas, dramas e melodramas constituíam o seu repertório. Machado admirava o talento do ator, mas não seu estilo de interpretação e as peças que representava. Preferia as comédias realistas do Teatro Ginásio Dramático e artistas como Furtado Coelho e Gabriela da Cunha, que eram mais naturais no palco, até por exigência das peças que buscavam reproduzir no palco os costumes da nascente burguesia

¹ Mestre (1982), Doutor (1990) e Livre-docente (1999) em Literatura Brasileira pela USP, integrando seu corpo docente desde 1983. Em 2003, tornou-se Professor Titular, aposentou-se em 2018, mas continuou atuando como Professor Sênior. É membro do GRUPEBRA (Núcleo de Pesquisas Brasil-França) do IEA-USP (Instituto de Estudos Avançados). Desde 2015, é Pesquisador Associado da BBM (Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin), desenvolvendo o projeto "Teatro e escravidão no Brasil". Desde 2019, é Professor Visitante na UNIFESP (Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas). E-mail: jgfaria@uol.com.br.

brasileira. Outro aspecto das comédias realistas que lhe agradava era a moralidade que traziam em seus enredos. Considerava o teatro uma escola, um instrumento civilizador.

Era de se esperar que ao escrever suas próprias comédias, Machado seguisse o modelo que julgava ideal para o seu tempo. No entanto, optou pela comédia curta, num registro elevado, distante da farsa. Ou seja, dialogou com as comédias realistas, mais longas, com três ou quatro atos e que colocavam famílias burguesas em cena, mas sem investir nas lições moralizadoras e sentenciosas. Enquanto os dramaturgos brasileiros do realismo teatral inspiravam-se em Alexandre Dumas Filho e Émile Augier, Machado buscou em Alfred de Musset um modelo de comédia elegante, o chamado provérbio dramático.

Em linhas gerais, esse tipo de peça surgiu nos salões aristocráticos franceses, no século XVII, e era praticamente um jogo, uma brincadeira de amadores que representavam pequenas cenas e comédias, no interior das quais a ação dramática ilustrava um provérbio que ao final devia ser adivinhado pelos espectadores. No século XVIII, o comediógrafo Carmontelle aperfeiçoou o provérbio dramático e deu-lhe características definidoras de sua forma: ação dramática rarefeita e sem grandes conflitos dramáticos, linguagem elegante, personagens finos, educados e inteligentes, duelos verbais, ironia, chistes e comicidade leve, tudo para despertar na plateia um riso comedido. No século XIX, Alfred de Musset elevou o provérbio dramático a obra de arte da linguagem, tornando-o alta literatura, dotando-o de qualidade poética, como comprovam, entre outras peças, *Un caprice* e *On ne badine pas avec l'amour*.

Machado era um grande admirador de Musset e escreveu quatro comédias curtas no início da carreira literária, seguindo o modelo do provérbio dramático: *Desencantos*, *O caminho da porta*, *O protocolo* e *As forcas caudinas*. Todas se aproximam pela maneira de construir os diálogos, com linguagem elegante, e pelos personagens colhidos nas classes altas, envolvidos em relacionamentos amorosos. As outras comédias escritas também na década de 1860 são diferentes entre si: *Quase ministro* aborda a vida política, *Os deuses de casaca* é puro divertimento com os deuses gregos, *Uma ode de Anacreonte* é um a-propósito lírico que se passa na Grécia antiga.

O escritor maduro se afasta do teatro, mas volta ao gênero em 1880, com *Tu só, tu, puro amor*, que nos leva ao século XVI português. Machado escreveu a comédia a convite do Real Gabinete Português de Leitura, para comemorar o tricentenário de Camões. Essa

pequena obra-prima foi representada no Teatro D. Pedro II, a 10 de junho de 1880. Como se sabe, nesse mesmo ano o escritor publicou *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ao qual se segue uma notável produção de romances e contos que nos encantam até hoje. Pois em meio a essa dedicação à prosa – lembre-se também de que escrevia crônicas para os jornais –, surpreendentemente, o comediógrafo reaparece em duas oportunidades: em 1896, com *Não consultes médico*; em 1906, com *Lição de botânica*.

Ambas as comédias desenvolvem a ação dramática para ilustrar provérbios – por exemplo: não consultes médico, consulte quem esteve doente –, o que prova que Machado manteve em sua maturidade a mesma admiração por Musset e a vontade de escrever peças com as características definidas algumas linhas atrás. Fique o leitor avisado disso. Nosso escritor não quis levar ao teatro a mesma virulência crítica em relação à sociedade de seu tempo ou a densa subjetividade dos personagens de seus contos e romances. Talvez tenha levado em conta a hegemonia do teatro cômico musicado no Rio de Janeiro nas três décadas finais do século XIX. Não valia a pena tentar a peça longa, com assunto sério e tratamento literário, pois o público pedia operetas, paródias, mágicas e revistas de ano.

Lição de botânica foi, portanto, a última comédia que Machado escreveu, já no final de sua vida. Publicou-a em 1906, dois anos antes de morrer, no volume *Relíquias de Casa Velha*. A meu ver, é sua melhor realização no gênero. A trama é construída com delicadeza e domínio do *métier*: não há tensões fortes ou grandes antagonismos entre os personagens; os diálogos são leves e espirituosos. O provérbio que alimenta a ação dramática é explicitado logo na segunda cena. As irmãs Cecília e Helena conversam e a primeira hesita em confessar se ama ou não a Henrique. Helena lhe diz: “Alguma coisa há de ser. *Il faut qu’une porte soit ouverte ou fermée*. Porta neste caso é o coração. O teu coração há de estar fechado ou aberto...”.

Observe-se que *Il faut qu’une porte soit ouverte ou fermée* é o título de um provérbio dramático de Musset, o que significa que Machado nos convida a fazer uma leitura intertextual de sua comédia. Não vou fazê-la aqui, porque a fiz no estudo “Machado de Assis, leitor de Musset” (*Teresa: revista de literatura brasileira*, 6/7. São Paulo: Ed. 34/Imprensa Oficial, 2006, pp. 364-384). O que pretendo salientar nesta breve apresentação são as qualidades de *Lição de Botânica*, a começar pelo modo como o enredo se desenvolve. Se, inicialmente, pensamos que a comédia vai tratar de mostrar como Cecília e Henrique vencerão o obstáculo posto à sua união pelo tio do rapaz, um botânico sueco solteirão e

um tanto extravagante, a mudança de direção é rápida, graças à iniciativa de Helena para ajudar o jovem casal. Ela vai conversar com o barão. E o homem da ciência, até então avesso a namoros e casamentos – é um homem que tem a porta do coração fechada –, transforma-se como num passe de mágica. Helena, a encantadora e jovem viúva o conquista com seu charme e inteligência, com sua linguagem carregada de humor, ironia e sagacidade. Preste atenção o leitor, às cenas 9 e 13. Veja como nos dois diálogos realiza-se à perfeição o ideal do provérbio dramático. O duelo verbal entre os personagens, a graça da superioridade feminina nos assuntos do coração, a desenvoltura da mulher em oposição à timidez do homem. Ele gagueja, não consegue completar as frases, hesita sobre o que falar, enquanto ela é toda descontração. Alçados à condição de protagonistas, o enredo trata de mostrá-los num embate que termina com a vitória do amor. A transformação do barão confirma o sentido do provérbio. Estava com a porta do coração fechada para o amor, mas Helena o fez abrir essa porta. A graça da comédia está toda aí, na lição que é passada para o leitor: a vida sem amor é incompleta. Mas sua eficácia, não esqueçamos, se deve à qualidade literária da linguagem empregada nos diálogos, que faz de *Lição de botânica* uma obra-prima do gênero provérbio dramático.

Boa leitura!

Lição de botânica

Machado de Assis

Pessoas:

D. Helena

D. Cecília

D. Leonor

Barão Sigismundo de Kernoberg

Lugar da cena: Andaraí

Ato Único

Sala em casa de d. Leonor.

Portas ao fundo, uma à direita do espectador.

Cena I

D. Leonor, d. Helena, d. Cecília.

D. Leonor entra, lendo uma carta, d. Helena e d. Cecília entram do fundo.

D. HELENA: Já de volta!

D. CECÍLIA, *a d. Helena, depois de um silêncio*: Será alguma carta de namoro?

D. HELENA, *baixo*: Criança!

D. LEONOR: Não me explicarão isto?

D. HELENA: Que é?

D. LEONOR: Recebi ao descer do carro este bilhete. “Minha senhora. Permita que o mais respeitoso vizinho lhe peça dez minutos de atenção. Vai nisto um grande interesse da ciência.” Que tenho eu com a ciência?

D. HELENA: Mas de quem é a carta?

D. LEONOR: Do Barão Sigismundo de Kernoberg.

D. CECÍLIA: Ah! O tio de Henrique!

D. LEONOR: De Henrique! Que familiaridade é essa?

D. CECÍLIA: Titia, eu...

D. LEONOR: Eu quê?... Henrique!

D. HELENA: Foi uma maneira de falar na ausência... Com que então o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg pede-lhe dez minutos de atenção, em nome e por amor da ciência. Da parte de um botânico é por força alguma égloga².

D. LEONOR: Seja o que for, não sei se deva receber um senhor a quem nunca vimos. Já o viram alguma vez?

D. CECÍLIA: Eu nunca.

D. HELENA: Nem eu.

D. LEONOR: Botânico e sueco: duas razões para ser gravemente aborrecido. Nada, não estou em casa.

D. CECÍLIA: Mas quem sabe, titia, se ele quer pedir-lhe... Sim... Um exame no nosso jardim?

D. LEONOR: Há por todo esse Andaraí³ muito jardim para examinar.

D. HELENA: Não, senhora, há de recebê-lo.

D. LEONOR: Por quê?

D. HELENA: Porque é nosso vizinho, porque tem necessidade de falar-lhe, e, enfim, porque, a julgar pelo sobrinho, deve ser um homem distinto.

D. LEONOR: Não me lembrava do sobrinho. Vá lá; aturemos o botânico. (*Sai pela porta do fundo, à esquerda.*)

Cena II

D. Helena, d. Cecília.

D. HELENA: Não me agradeces?

D. CECÍLIA: O quê?

D. HELENA: Sonsa! Pois não adivinhas o que vem cá fazer o barão?

D. CECÍLIA: Não.

² Poesia pastoril. Também pode ser grafada como égloga. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

³ Bairro residencial da Zona Norte do Rio de Janeiro, próximo à Tijuca. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

D. HELENA: Vem pedir a tua mão para o sobrinho.

D. CECÍLIA: Helena!

D. HELENA, *imitando-a*: Helena!

D. CECÍLIA: Juro...

D. HELENA: Que não o amas.

D. CECÍLIA: Não é isso.

D. HELENA: Que o amas.

D. CECÍLIA: Também não.

D. HELENA: Mau! Alguma coisa há de ser. *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée*⁴. Porta neste caso é o coração. O teu coração há de estar fechado ou aberto...

D. CECÍLIA: Perdi a chave.

D. HELENA, *rindo*: E não o podes fechar outra vez. São assim todos os corações ao pé de todos os Henriques. O teu Henrique viu a porta aberta, e tomou posse do lugar. Não escolheste mal, não; é um bonito rapaz.

D. CECÍLIA: Oh! Uns olhos!

D. HELENA: Azuis.

D. CECÍLIA: Como o céu.

D. HELENA: Louro...

D. CECÍLIA: Elegante...

D. HELENA: Espirituoso...

D. CECÍLIA: E bom.

D. HELENA: Uma pérola. (*Suspira.*) Ah!

D. CECÍLIA: Suspiras?

D. HELENA: Que há de fazer uma viúva, falando... De uma pérola?

D. CECÍLIA: Oh! Tens naturalmente em vista algum diamante de primeira grandeza.

D. HELENA: Não tenho, não; meu coração já não quer jóias.

D. CECÍLIA: Mas as jóias querem o teu coração.

D. HELENA: Tanto pior para elas: hão de ficar em casa do joalheiro.

D. CECÍLIA: Veremos isso. (*Sobe.*) Ah!

D. HELENA: Que é?

D. CECÍLIA, *olhando para a direita*: Um homem desconhecido que lá vêm; há de ser o barão.

⁴ Uma porta deve ser aberta ou fechada (Tradução dos editores).

D. HELENA: Vou avisar titia. (*Sai pelo fundo, esquerda.*)

Cena III

D. Cecília, Barão

D. CECÍLIA: Será deveras ele? Estou trêmula... Henrique não me avisou de nada... Virá pedir-me?... Mas não, não, não pode ser ele... Tão moço... (*O barão aparece.*)

BARÃO, *à porta, depois de profunda cortesia*: Creio que a Excelentíssima senhora d. Leonor Gouveia recebeu uma carta... Vim sem esperar a resposta.

D. CECÍLIA: É o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg? (*O barão faz um gesto afirmativo.*)
Recebeu. Queira entrar e sentar-se. (*À parte.*) Devo estar vermelha...

BARÃO, *à parte, olhando para Cecília*: Há de ser esta.

D. CECÍLIA, *à parte*: E titia não vem... Que demora! Não sei que lhe diga... estou tão vexada... (*O Barão tira um livro da algibeira e folheia-o.*) Se eu pudesse deixá-lo... É o que vou fazer... (*Sobe.*)

BARÃO, *fechando o livro e erguendo-se*: V. Exa. há de desculpar-me. Recebi hoje mesmo este livro da Europa; é obra que vai fazer revolução na ciência; nada menos que uma monografia das gramíneas, premiada pela Academia de Estocolmo.

D. CECÍLIA: Sim? (*À parte.*) Aturemo-lo, pode vir a ser meu tio.

BARÃO: As gramíneas têm ou não têm perianto⁵? A princípio adotou-se a negativa, posteriormente... V. Exa. talvez não conheça o que é perianto...

D. CECÍLIA: Não, senhor.

BARÃO: Perianto compõe-se de duas palavras gregas: *peri*, em volta, e *anthos*, flor.

D. CECÍLIA: O envólucro da flor.

BARÃO: Acertou. É o que vulgarmente se chama de cálice. Pois as gramíneas eram tidas... (*Aparece d. Leonor ao fundo.*) Ah!

⁵ Parte protetora da flor, composta de cálice e corola (Nota conforme o original do site Domínio Público).

Cena IV

Os mesmos, d. Leonor.

D. LEONOR: Desejava falar-me?

BARÃO: Se me dá essa honra. Vim sem esperar resposta à minha carta. Dez minutos apenas.

D. LEONOR: Estou às suas ordens.

D. CECÍLIA: Com licença. (*À parte, olhando para o céu.*) Ah! Minha Nossa Senhora! (*Retira-se pelo fundo.*)

Cena V

D. Leonor, Barão

BARÃO: Sou o Barão Sigismundo de Kernoberg, seu vizinho, botânico de vocação, profissão e tradição, membro da Academia de Estocolmo, e comissionado pelo governo da Suécia para estudar a flora da América do Sul. V. Exa. dispensa a minha biografia? (*d. Leonor faz um gesto afirmativo.*) Direi somente que o tio de meu tio foi botânico, meu tio era botânico, eu botânico, e meu sobrinho há de ser botânico. Todos somos botânicos de tios a sobrinhos. Isto de algum modo explica minha vinda a esta casa.

D. LEONOR: Oh! o meu jardim é composto de plantas vulgares.

BARÃO, *gracioso*: É porque as melhores flores estão dentro de casa. Mas V. Exa. engane-se; não venho pedir nada do seu jardim.

D. LEONOR: Ah!

BARÃO: Venho pedir-lhe uma coisa que lhe há de parecer singular.

D. LEONOR: Fale.

BARÃO: O padre desposa a igreja; eu desposei a ciência. Saber é o meu estado conjugal; os livros são a minha família. Numa palavra, fiz voto de celibato.

D. LEONOR: Não se casa.

BARÃO: Justamente. Mas, V. Exa. compreende que, sendo para mim ponto de fé que a ciência não se dá bem com o matrimônio, nem eu devo casar, nem... V. Exa. já percebeu.

D. LEONOR: Coisa nenhuma.

BARÃO: Meu sobrinho Henrique anda estudando comigo os elementos da botânica. Tem talento, há de vir a ser um luminar da ciência. Se o casamos, está perdido.

D. LEONOR: Mas...

BARÃO, *à parte*: Não entendeu. (*Alto.*) Sou obrigado a ser mais franco. Henrique anda apaixonado por uma das suas sobrinhas, creio que esta que saiu daqui, há pouco. Impulshe que não voltasse a esta casa; ele resistiu-me. Só me resta um meio: é que V. Exa. lhe feche a porta.

D. LEONOR: Senhor barão!

BARÃO: Admira-se do pedido? Creio que não é polido nem conveniente. Mas é necessário, minha senhora, é indispensável. A ciência precisa de mais um obreiro: não o encadeiemos no matrimônio.

D. LEONOR: Não sei se devo sorrir do pedido.

BARÃO: Deve sorrir, sorrir e fechar-nos a porta. Terá os meus agradecimentos e as bênçãos da posteridade.

D. LEONOR, *sorrindo*: Não é preciso tanto; posso fechá-la de graça.

BARÃO: Justo. O verdadeiro benefício é gratuito.

D. LEONOR: Antes, porém, de nos despedirmos, desejava dizer uma coisa e perguntar outra. (*O Barão curva-se.*) Direi primeiramente que ignoro se há tal paixão da parte de seu sobrinho; em segundo lugar, perguntarei se na Suécia estes pedidos são usuais.

BARÃO: Na geografia intelectual não há Suécia nem há Brasil; os países são outros: astronomia, geologia, matemáticas; na botânica são obrigatórios.

D. LEONOR: Todavia, à força de andar com flores... Deviam os botânicos trazê-las consigo.

BARÃO: Ficam no gabinete.

D. LEONOR: Trazem os espinhos somente.

BARÃO: V. Exa. tem espírito. Compreendo a afeição de Henrique a esta casa. (*Levanta-se.*) Promete-me então...

D. LEONOR, *levantando-se*: Que faria no meu caso?

BARÃO: Recusava.

D. LEONOR: Com prejuízo da ciência?

BARÃO: Não, porque nesse caso a ciência mudaria de acampamento, isto é, o vizinho prejudicado escolheria outro bairro para seus estudos.

D. LEONOR: Não lhe parece que era melhor ter feito isso mesmo, antes de arriscar um pedido ineficaz?

BARÃO: Quis primeiro tentar fortuna.

Cena VI

D. Leonor, Barão, d. Helena

D. HELENA, *entra e pára*: Ah!

D. LEONOR: Entra, não é assunto reservado. O Sr. Barão de Kernoberg... (*Ao Barão.*) É minha sobrinha Helena. (*A Helena.*) Aqui o Sr. Barão vem pedir que não o perturbemos no estudo da botânica. Diz que seu sobrinho Henrique está destinado a um lugar honroso na ciência, e... Conclua, Sr. Barão.

BARÃO: Não convém que se case, a ciência exige o celibato.

D. LEONOR: Ouviste?

D. HELENA: Não compreendo...

BARÃO: Uma paixão louca de meu sobrinho pode impedir que... Minhas senhoras, não desejo roubar-lhes mais tempo... Confio em V. Exa., minha senhora... Ser-lhe-ei eternamente grato. Minhas senhoras. (*Faz uma grande cortesia e sai.*)

Cena VII

D. Helena, d. Leonor

D. LEONOR, *rindo*: Que urso⁶!

D. HELENA: Realmente...

D. LEONOR: Perdôo-lhe em nome da ciência. Fique com as suas ervas, e não nos aborreça mais, nem ele nem o sobrinho.

D. HELENA: Nem o sobrinho?

⁶ No texto: sinônimo de bicho-do-mato, provinciano, pessoa antiquada. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

D. LEONOR: Nem o sobrinho, nem o criado, nem o cão, se o houver, nem coisa nenhuma que tenha relação com a ciência. Enfada-te? Pelo que vejo, entre o Henrique e a Cecília há tal ou qual namoro?

D. HELENA: Se promete segredo... há.

D. LEONOR: Pois acabe-se o namoro.

D. HELENA: Não é fácil. O Henrique é um perfeito cavalheiro; ambos são dignos um do outro. Por que razão impediremos que dois corações...

D. LEONOR: Não sei de corações, não hão de faltar casamentos a Cecília.

D. HELENA: Certamente que não, mas os casamentos não se improvisam nem se projetam na cabeça; são atos do coração, que a igreja santifica. Tentemos uma coisa.

D. LEONOR: Que é?

D. HELENA: Reconciliemo-nos com o barão.

D. LEONOR: Nada, nada.

D. HELENA: Pobre Cecília!

D. LEONOR: É ter paciência, sujeite-se às circunstâncias... *(A d. Cecília, que entra.)* Ouviste?

D. CECÍLIA: O que, titia?

D. LEONOR: Helena te explicará tudo. *(A d. Helena, baixo.)* Tira-lhe todas as esperanças. *(Indo-se.)* Que urso! Que urso!

Cena VIII

D. Helena, d. Cecília.

D. CECÍLIA: Que aconteceu?

D. HELENA: Aconteceu... *(Olha com tristeza para ela.)*

D. CECÍLIA: Acaba.

D. HELENA: Pobre Cecília!

D. CECÍLIA: Titia recusou a minha mão?

D. HELENA: Qual! O barão é que se opõe ao casamento.

D. CECÍLIA: Opõe-se!

D. HELENA: Diz que a ciência exige o celibato do sobrinho. (*d. Cecília encosta-se a uma cadeira.*) Mas, sossega; nem tudo está perdido; pode ser que o tempo...

D. CECÍLIA: Mas quem impede que ele estude?

D. HELENA: Mania de sábio. Ou então, evasiva do sobrinho.

D. CECÍLIA: Oh! não! é impossível; Henrique é uma alma angélica! Respondo por ele. Há de certamente opor-se a semelhante exigência...

D. HELENA: Não convém precipitar as coisas. O barão pode zangar-se e ir embora.

D. CECÍLIA: Que devo então fazer?

D. HELENA: Esperar. Há tempo para tudo.

D. CECÍLIA: Pois bem, quando Henrique vier...

D. HELENA: Não vem, tia resolveu fechar a porta a ambos.

D. CECÍLIA: Impossível!

D. HELENA: Pura verdade. Foi uma exigência do barão.

D. CECÍLIA: Ah! Conspiram todos contra mim! (*Põe as mãos na cabeça.*) Sou muito infeliz! Que mal fiz eu a essa gente? Helena, salva-me! Ou eu mato-me! Anda, vê se descobres um meio...

D. HELENA, *indo sentar-se*: Que meio?

D. CECÍLIA, *acompanhando-a*: Um meio qualquer que não nos separe!

D. HELENA, *sentada*: Há um.

D. CECÍLIA: Qual? Dize.

D. HELENA: Casar.

D. CECÍLIA: Oh! Não zombes de mim! Tu também amaste, Helena; deves respeitar estas angústias. Não tornar a ver o meu Henrique é uma idéia intolerável. Anda, minha irmãzinha. (*Ajoelha-se inclinando o corpo sobre o regaço de d. Helena.*) Salva-me! És tão inteligente, que hás de achar por força alguma idéia; anda, pensa!

D. HELENA, *beijando-lhe a testa*: Criança! Supões que seja coisa tão fácil assim?

D. CECÍLIA: Para ti há de ser fácil.

D. HELENA: Lisonjeira! (*Pega maquinalmente no livro deixado pelo barão sobre a cadeira.*) A boa vontade não pode tudo, é preciso... (*Tem aberto o livro.*) Que livro é este?... Ah! Talvez do barão.

D. CECÍLIA: Mas vamos, continua...

D. HELENA: Isto há de ser sueco... Trata talvez de botânica. Sabes sueco?

D. CECÍLIA: Helena!

D. HELENA: Quem sabe se este livro pode salvar tudo? (*Depois de um instante de reflexão.*) Sim, é possível. Tratará de botânica?

D. CECÍLIA: Trata.

D. HELENA: Quem te disse?

D. CECÍLIA: Ouvi dizer ao barão, trata das...

D. HELENA: Das...

D. CECÍLIA: Das gramíneas.

D. HELENA: Só das gramíneas?

D. CECÍLIA: Não sei; foi premiado pela Academia de Estocolmo.

D. HELENA: De Estocolmo. Bem. (*Levanta-se.*)

D. CECÍLIA, *levantando-se*: Mas que é?

D. HELENA: Vou mandar-lhe o livro...

D. CECÍLIA: Que mais?

D. HELENA: Com um bilhete.

D. CECÍLIA, *olhando para a direita*: Não é preciso; lá vem ele.

D. HELENA: Ah!

D. CECÍLIA: Que vais fazer?

D. HELENA: Dar-lhe o livro.

D. CECÍLIA: O livro, e...

D. HELENA: E as despedidas.

D. CECÍLIA: Não compreendo.

D. HELENA: Espera e verás.

D. CECÍLIA: Não posso encará-lo; adeus.

D. HELENA: Cecília! (*d. Cecília sai*)

Cena IX

D. Helena, Barão.

BARÃO, *à porta*: Perdão, minha senhora; eu trazia um livro há pouco...

D. HELENA, *com o livro na mão*: Será este?

BARÃO, *caminhando para ela*: Justamente.

D. HELENA: Escrito em sueco, penso eu...

BARÃO: Em sueco.

D. HELENA: Trata naturalmente de botânica.

BARÃO: Das gramíneas.

D. HELENA, *com interesse*: Das gramíneas.

BARÃO: De que se espanta?

D. HELENA: Um livro publicado...

BARÃO: Há quatro meses.

D. HELENA: Premiado pela Academia de Estocolmo?

BARÃO, *admirado*: É verdade, mas...

D. HELENA: Que pena que eu não saiba sueco!

BARÃO: Tinha notícia do livro?

D. HELENA: Certamente. Ando ansiosa por lê-lo.

BARÃO: Perdão, minha senhora. Sabe botânica?

D. HELENA: Não ousou dizer que sim, estudo alguma coisa; leio quando posso. É ciência profunda e encantadora.

BARÃO, *com calor*: É a primeira de todas.

D. HELENA: Não me atrevo a apoiá-lo, porque nada sei das outras, e poucas luzes tenho de botânica, apenas as que pode dar um estudo solitário e deficiente. Se a vontade suprisse o talento...

BARÃO: Por que não? *Le génie, c'est la patience*⁷, dizia Buffon.

D. HELENA, *sentando-se*: Nem sempre.

BARÃO: Realmente, estava longe de supor que, tão perto de mim, uma pessoa tão distinta dava algumas horas vagas ao estudo da minha bela ciência.

D. HELENA: Da sua esposa.

BARÃO, *sentando-se*: É verdade. Um marido pode perder a mulher, e se a amar deveras, nada a compensará neste mundo, ao passo que a ciência não morre... Morremos nós, ela sobrevive a todas as graças do primeiro dia, ou ainda maiores, porque cada descoberta é um encanto novo.

D. HELENA: Oh! Tem razão!

BARÃO: Mas, diga-me V. Exa., tem feito estudo especial das gramíneas?

⁷ Genialidade é ter paciência (Tradução dos Editores).

D. HELENA: Por alto... Por alto...

BARÃO: Contudo, sabe que a opinião dos sábios não admitia o perianto... (*d. Helena faz sinal afirmativo.*) Posteriormente reconheceu-se a existência do perianto (*Novo gesto de d. Helena.*) Pois este livro refuta a segunda opinião.

D. HELENA: Refuta o perianto?

BARÃO: Completamente.

D. HELENA: Acho temeridade.

BARÃO: Também eu supunha isso... Li-o, porém, e a demonstração é claríssima. Tenho pena de que não possa lê-lo. Se me dá licença, farei uma tradução portuguesa e daqui a duas semanas...

D. HELENA: Não sei se deva aceitar.

BARÃO: Aceite; é o primeiro passo para me não recusar segundo pedido.

D. HELENA: Qual?

BARÃO: Que me deixasse acompanhá-la em seus estudos, repartir o pão do saber com V. Exa. É a primeira vez que a fortuna me depara uma discípula. Discípula é, talvez, ousadia da minha parte...

D. HELENA: Ousadia, não; eu sei muito pouco; posso dizer que não sei nada.

BARÃO: A modéstia é o aroma do talento, como o talento é o esplendor da graça. V. Exa. possui tudo isso. Posso compará-la à violeta, - *viola odorata* de Lineo, - que é formosa e recatada...

D. HELENA, *interrompendo*: Pedirei licença à minha tia. Quando será a primeira lição?

BARÃO: Quando quiser. Pode ser amanhã. Tem certamente notícia da anatomia vegetal...

D. HELENA: Notícia incompleta.

BARÃO: Da fisiologia?

D. HELENA: Um pouco menos.

BARÃO: Nesse caso, nem a taxonomia⁸, nem a fitografia⁹....

D. HELENA: Não fui até lá.

⁸ Ciência da classificação. O mesmo que taxionomia. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

⁹ Parte da ciência que cuida da classificação dos vegetais. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

BARÃO: Mas há de ir... Verás que mundos novos se lhe abrem diante do espírito. Estudaremos, um por um, todas as famílias, as orquídeas, as jasmíneas, as rubiáceas, as oleáceas, as narcíseas, as umbelíferas...

D. HELENA: Tudo, desde que se trate de flores.

BARÃO: Compreendo! Amor de família.

D. HELENA: Bravo! Um cumprimento!

BARÃO, *folheando o livro*: A ciência o permite.

D. HELENA, *à parte*: O mestre é perigoso. (*Alto.*) Tinham-me dito exatamente o contrário; disseram-me que o Sr. Barão era... Não sei como diga... Era...

BARÃO: Talvez um urso.

D. HELENA: Pouco mais ou menos.

BARÃO: E sou.

D. HELENA: Não creio.

BARÃO: Por que não crê?

D. HELENA: Porque o vejo amável.

BARÃO: Suportável apenas.

D. HELENA: Demais, imaginava-o uma figura muito diferente, um velho macilento, melenas caídas, olhos encovados.

BARÃO: Estou velho, minha senhora.

D. HELENA: Trinta e seis anos.

BARÃO: Trinta e nove.

D. HELENA: Plena mocidade.

BARÃO: Velho para o mundo. Que posso eu dar ao mundo senão a minha prosa científica?

D. HELENA: Só uma coisa lhe acho inaceitável.

BARÃO: Qual é?

D. HELENA: A teoria de que o amor e a ciência são incompatíveis.

BARÃO: Oh! Isso!

D. HELENA: Dá-se o espírito à ciência e o coração ao amor. São territórios diferentes, ainda que limítrofes.

BARÃO: Um acaba por anexar o outro.

D. HELENA: Não creio.

BARÃO: O casamento é uma bela coisa, mas o que faz bem a uns, pode fazer mal a outros. Sabe que Mafoma¹⁰ não permite o uso do vinho aos seus sectários? Que fazem os turcos? Extraem o suco de uma planta, da família das papaveráceas¹¹, bebem-no, e ficam alegres. Esse licor, se nós o bebêssemos, matar-nos-ia. O casamento, para nós, é o vinho turco.

D. HELENA, *erguendo os ombros*: Comparação não é argumento. Demais, houve e há sábios casados.

BARÃO: Que seriam mais sábios se não fossem casados.

D. HELENA: Não fale assim. A esposa fortifica a alma do sábio. Deve ser um quadro delicioso para o homem que despense as suas horas na investigação da natureza, fazê-lo ao lado da mulher que o ampara e anima, testemunha de seus esforços, sócia de suas alegrias, atenta, dedicada, amorosa. Será vaidade de sexo? Pode ser, mas eu creio que o melhor prêmio do mérito é o sorriso da mulher amada. O aplauso público é mais ruidoso, mas muito menos tocante que a aprovação doméstica.

BARÃO, *depois de um instante de hesitação e luta*: Falemos da nossa lição.

D. HELENA: Amanhã, se minha tia consentir. (*Levanta-se.*) Até amanhã, não?

BARÃO: Hoje mesmo, se o ordenar.

D. HELENA: Acredita que não perderei o tempo?

BARÃO: Estou certo que não.

D. HELENA: Serei acadêmica de Estocolmo?

BARÃO: Conto que terei essa honra.

D. HELENA, *cortejando*: Até amanhã.

BARÃO, *o mesmo*: Minha senhora! (*d. Helena sai pelo fundo, esquerda, o barão caminha para a direita, mas volta para buscar o livro que ficara sobre a cadeira do sofá.*)

¹⁰ Denominação arcaica do profeta Maomé, fundador do Islamismo. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

¹¹ Trata-se do ópio (*papaver somniferum*). (Nota conforme o original do site Domínio Público).

Cena X

Barão, d. Leonor.

BARÃO, *pensativo*: Até amanhã! Devo eu cá voltar? Talvez não devesse, mas é interesse da ciência... a minha palavra empenhada... O pior de tudo é que a discípula é graciosa e bonita. Nunca tive discípula, ignoro até que ponto é perigoso... Ignoro? Talvez não... (*Põe a mão no peito*) Que é isto? (*Resoluto*) Não, sicambro¹²! Não hás de adorar o que queimaste! Eia, volvamos às flores e deixemos esta casa para sempre. (*Entra d. Leonor.*)

D. LEONOR, *vendo o barão*: Ah!

BARÃO: Voltei há dois minutos; vim buscar este livro. (*Cumprimentando*) Minha senhora!

D. LEONOR: Senhor barão!

BARÃO, *vai até a porta e volta* – Creio que V. Exa. não me fica querendo mal?

D. LEONOR: Certamente que não.

BARÃO, *cumprimentando*: Minha senhora!

D. LEONOR: Senhor barão!

BARÃO, *vai até a porta e volta*: A Sra. d. Helena não lhe falou agora?

D. LEONOR: Sobre quê?

BARÃO: Sobre umas lições de botânica...

D. LEONOR: Não me falou em nada...

BARÃO, *cumprimentando*: Minha senhora!

D. LEONOR, *idem*: Senhor barão! (*Barão sai.*) Que esquisitão! Valia a pena cultivá-lo de perto.

BARÃO, *reaparecendo*: Perdão...

D. LEONOR: Ah! que manda?

BARÃO, *aproxima-se*: Completo a minha pergunta. A sobrinha de V. Exa. falou-me em receber algumas lições de botânica. V. Exa. consente? (*Pausa.*) Há de parecer-lhe esquisito este pedido, depois do que tive a honra de fazer-lhe há pouco...

D. LEONOR: Sr. barão, no meio de tantas cópias e imitações humanas...

BARÃO: Eu acabo: sou original.

D. LEONOR: Não ousou dizê-lo.

¹² Relativo ao povo dos sicambros, povo germânico do qual descendem os suecos. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

BARÃO: Sou; noto, entretanto, que a observação de V. Exa. não responde à minha pergunta.

D. LEONOR: Bem sei; por isso mesmo é que a fiz.

BARÃO: Nesse caso...

D. LEONOR: Neste caso, deixe-me refletir.

BARÃO: Cinco minutos?

D. LEONOR: Vinte e quatro horas.

BARÃO: Nada menos?

D. LEONOR: Nada menos.

BARÃO, *cumprimentando*: Minha senhora!

D. LEONOR: Senhor barão! (*Sai o barão.*)

Cena XI

D. Leonor, d. Cecília.

D. LEONOR: Singular é ele, mas não menos singular é a idéia de Helena. Para que quererá ela aprender botânica?

D. CECÍLIA, *entrando*: Helena! (*d. Leonor volta-se.*) Ah! É titia.

D. LEONOR: Sou eu.

D. CECÍLIA: Onde está Helena?

D. LEONOR: Não sei, talvez lá em cima. (*d. Cecília dirige-se para o fundo.*) Onde vais?...

D. CECÍLIA: Vou...

D. LEONOR: Acaba.

D. CECÍLIA: Vou consertar o penteado.

D. LEONOR: Vem cá; conserto eu (*d. Cecília aproxima-se de d. Leonor.*). Não é preciso, está excelente. Dize-me: estás muito triste!

D. CECÍLIA, *muito triste*: Não, senhora; estou alegre.

D. LEONOR: Mas Helena disse-me que tu...

D. CECÍLIA: Foi gracejo.

D. LEONOR: Não creio; tens alguma coisa que te aflige; hás de contar-me tudo.

D. CECÍLIA: Não posso.

D. LEONOR: Não tens confiança em mim?

D. CECÍLIA: Oh! Toda!

D. LEONOR: Pois eu exijo... (*Vendo Helena, que aparece à porta do fundo, à esquerda.*) - Ah! Chegas a propósito.

Cena XII

D. Leonor, d. Cecilia, d. Helena.

D. HELENA: Para quê?

D. LEONOR: Explica-me que história é essa que me contou o barão?

D. CECÍLIA, *com curiosidade*: O barão?

D. LEONOR: Parece que estás disposta a estudar botânica.

D. HELENA: Estou.

D. CECÍLIA, *sorrindo*: Com o barão?

D. HELENA: Com o barão.

D. LEONOR: Sem o meu consentimento?

D. HELENA: Com o seu consentimento.

D. LEONOR: Mas de que te serve saber botânica?

D. HELENA: Serve para conhecer as flores dos meus *bouquets*, para não confundir jasmíneas com rubiáceas, nem bromélias com umbelíferas.

D. LEONOR: Com quê?

D. HELENA: Umbelíferas.

D. LEONOR: Umbe...

D. HELENA: ...Líferas. Umbelíferas.

D. LEONOR: Virgem Santa! E que ganhas tu com estes nomes bárbaros?

D. HELENA: Muita coisa.

D. CECÍLIA *à parte*: Boa Helena! Compreendo tudo.

D. HELENA: O perianto, a senhora talvez ignore a questão do perianto... a questão das gramíneas...

D. LEONOR: E dou graças a Deus!

D. CECÍLIA, *animada*: Oh! Deve ser uma questão importantíssima!

D. LEONOR, *espantada*: Também tu!

D. CECÍLIA: Só o nome! Perianto! É nome grego, titia; um delicioso nome grego. (*À parte.*) Estou morta para saber do que se trata.

D. LEONOR: Vocês fazem-me perder o juízo! Aqui andam bruxas, decerto. Perianto de um lado, bromélias de outro; uma língua de gentios, avessa à gente cristã. Que quer dizer tudo isso?

D. CECÍLIA: Quer dizer que a ciência é uma grande coisa, e que não há remédio senão adorar a botânica.

D. LEONOR: Que mais?

D. CECÍLIA: Que mais? Quer dizer que a noite de hoje há de estar deliciosa, e podemos ir ao teatro lírico. Vamos, sim? Amanhã é o baile do conselheiro e sábado o casamento da Júlia Marcondes. Três dias de festas! Prometo divertir-me muito, muito, muito. Estou tão contente! Ria-se, titia; ria-se e dê-me um beijo!

D. LEONOR: Não dou, não, senhora. Minha opinião é contra a botânica, e isto mesmo vou escrever ao barão.

D. HELENA: Reflita primeiro; basta amanhã!

D. HELENA: Há de ser hoje mesmo! Esta casa está ficando muito sueca; voltemos a ser brasileiras. Vou escrever ao urso. Acompanha-me, Cecília; hás de contar-me o que há! (*Saem.*)

Cena XIII

D. Helena, Barão.

D. HELENA: Cecília deitou tudo a perder... Não se pode fazer nada com crianças... Tanto pior para ela... (*Pausa.*) Quem sabe se tanto melhor para mim? Pode ser. Aquele professor não é assaz velho, como convinha. Além disso, há nele um ar de diamante bruto, uma alma apenas coberta pela crosta científica, mas cheia de fogo e luz. Se eu viesse a arder ou cegar... (*Levanta os ombros.*) Que idéia! Não passa de um urso, como titia lhe chama, um urso com patas de rosas.

BARÃO, *aproximando-se*: Perdão, minha senhora. Ao atravessar a chácara, ia pensando no nosso acordo, e, sinto dizê-lo, mudei de resolução.

D. HELENA: Mudou?

BARÃO: Mudei.

D. HELENA: Pode saber-se o motivo?

BARÃO: São três. O primeiro é o meu pouco saber... Ri-se?

D. HELENA: De incredulidade. O segundo motivo...

BARÃO: O segundo motivo é o meu gênio áspero e despótico.

D. HELENA: Vejamos o terceiro.

BARÃO: O terceiro é a sua idade. Vinte e um anos, não?

D. HELENA: Vinte e dois.

BARÃO: Solteira?

D. HELENA: Viúva.

BARÃO: Perpetuamente viúva?

D. HELENA: Talvez.

BARÃO: Nesse caso, quarto motivo: a sua viuvez perpétua.

D. HELENA: Conclusão: todo o nosso acordo está desfeito.

BARÃO: Não digo que esteja; só por mim não o posso romper. V. Exa. porém avaliará as razões que lhe dou, e decidirá se ele deve ser mantido.

D. HELENA: Suponha que respondo afirmativamente.

BARÃO: Paciência! Obedecerei!

D. HELENA: De má vontade?

BARÃO: Não; mas com grande desconsolação.

D. HELENA: Pois, Sr. Barão, não desejo violentá-lo; está livre.

BARÃO: Livre, e não menos desconsolado.

D. HELENA: Tanto melhor!

BARÃO: Como assim?

D. HELENA: Nada mais simples: vejo que é caprichoso e incoerente.

BARÃO: Incoerente, é verdade.

D. HELENA: Irei de procurar outro mestre.

BARÃO: Outro mestre! Não faça isso.

D. HELENA: Por quê?

BARÃO: Porque... (*Pausa.*) V. Exa. é inteligente o bastante para dispensar mestres.

D. HELENA: Quem lho disse?

BARÃO: Adivinha-se.

D. HELENA: Bem; irei queimar os olhos nos livros.

BARÃO: Oh! Seria estragar as mais belas flores do mundo!

D. HELENA, *sorrindo*: Mas então nem mestres nem livros?

BARÃO: Livros, mas aplicação moderada. A ciência não se colhe de afogadilho; é preciso penetrá-la com segurança e cautela.

D. HELENA: Obrigada. (*Estendendo-lhe a mão.*) E visto que me recusa as suas lições, adeus.

BARÃO: Já!

D. HELENA: Pensei que queria retirar-se.

BARÃO: Queria e custa-me. Em todo caso, não desejava sair sem que V. Exa. me dissesse francamente o que pensa de mim. Bem ou mal?

D. HELENA: Bem e mal.

BARÃO: Pensa então...

D. HELENA: Penso que é inteligente e bom, mas caprichoso e egoísta.

BARÃO: Egoísta!

D. HELENA: Em toda a força da expressão. (*Senta-se.*) Por egoísmo: científico, é verdade, - opõe-se às afeições de seu sobrinho; por egoísmo, recusa-me as suas lições. Creio que o Sr. Barão nasceu para mirar-se no vasto espelho da natureza, a sós consigo, longe do mundo e seus enfados. Aposto que, desculpe a indiscrição da pergunta, - aposto que nunca amou?

BARÃO: Nunca.

D. HELENA: De maneira que nunca uma flor teve a seus olhos outra aplicação, além do estudo?

BARÃO: Engana-se.

D. HELENA: Sim?

BARÃO: Depositei algumas coroas de goivos¹³ no túmulo de minha mãe.

D. HELENA: Ah!

¹³ Flores ornamentais e perfumadas, de coloração amarela ou vermelha raiada de branco. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

BARÃO: Há em mim alguma coisa mais do que eu mesmo. Há a poesia das afeições por baixo da prova científica. Não a ostento, é verdade; mas sabe V. Exa. o que tem sido a minha vida? Um claustro. Cedo perdi o que havia de mais caro: a família. Desposei a ciência, que me tem servido de alegrias, consolações e esperamos. Deixemos, porém, tão tristes memórias...

D. HELENA: Memórias de homem; até aqui eu só via o sábio.

BARÃO: Mas o sábio reaparece e enterra o homem. Volto à vida vegetativa... Se me é lícito arriscar um trocadilho em português, que eu não sei bem se o é. Pode ser que não passe de aparência. Todo eu sou aparências, minha senhora, aparências de homem, de linguagem e até de ciência.

D. HELENA: Quer que o elogie?

BARÃO: Não; desejo que me perdoe.

D. HELENA: Perdoar-lhe o quê?

BARÃO: A incoerência de que me acusava há pouco.

D. HELENA: Tanto perdoo que o imito. Mudo igualmente de resolução e dou de mão ao estudo.

BARÃO: Não faça isso!

D. HELENA: Não lerei uma só linha de botânica, que é a mais aborrecida ciência do mundo.

BARÃO: Mas o seu talento...

D. HELENA: Não tenho talento; tinha curiosidade.

BARÃO: É a chave do saber.

D. HELENA: Que monta isso? A porta fica tão longe!

BARÃO: É certo, mas o caminho é de flores.

D. HELENA: Com espinhos.

BARÃO: Eu lhe quebrarei os espinhos.

D. HELENA: De que modo?

BARÃO: Serei seu mestre.

D. HELENA, *levanta-se*: Não! Respeito os seus escrúpulos. Subsistem, penso eu, os motivos que alegou. Deixe-me ficar na minha ignorância.

BARÃO: É a última palavra de V. Exa.?

D. HELENA: Última.

BARÃO, *com ar de despedida*: Nesse caso.... aguardo as suas ordens.

D. HELENA: Que se não esqueça de nós.

BARÃO: Crê possível que me esquecesse?

D. HELENA: Naturalmente: um conhecimento de vinte minutos.

BARÃO: O tempo importa pouco ao caso. Não me esquecerei nunca mais destes vinte minutos, os melhores da minha vida, os primeiros que hei realmente vivido. A ciência não é tudo, minha senhora. Há alguma coisa mais, além do espírito, alguma coisa essencial ao homem, e...

D. HELENA: Repare, Sr. Barão, que está falando à sua ex-discípula.

BARÃO: A minha ex-discípula tem coração, e sabe que o mundo intelectual é estreito para conter o homem todo; sabe que a vida moral é uma necessidade do ser pensante.

D. HELENA: Não passemos da botânica à filosofia, nem tanto à terra, nem tanto ao céu. O que o Sr. Barão quer dizer, em boa e mediana prosa, é que estes vinte minutos de palestra não o enfadaram de todo. Eu digo a mesma coisa. Pena é que fossem só vinte minutos, e que o Sr. Barão volte à suas amadas plantas; mas é força ir ter com elas, não quero tolher-lhe os passos. Adeus! (*Inclinando-se como para despedir-se.*)

BARÃO, *cumprimentando*: Minha senhora! (*Caminha até a porta e pára.*) Não transporei mais esta porta?

D. HELENA: Já a fechou por suas próprias mãos.

BARÃO: A chave está nas suas.

D. HELENA, *olhando para as mãos*: Nas minhas?

BARÃO, *aproximando-se*: Decerto.

D. HELENA: Não a vejo.

BARÃO: É a esperança. Dê-me a esperança de que...

D. HELENA, *depois de uma pausa*: A esperança de que...

BARÃO: A esperança de que... a esperança de...

D. HELENA, *que tem tirado uma flor do vaso*: Creio que lhe será mais fácil definir esta flor.

BARÃO: Talvez.

D. HELENA: Mas não é preciso dizer mais: adivinhei-o.

BARÃO, *alvorocado*: Adivinhou?

D. HELENA: Adivinhei que queria a todo o transe¹⁴ ser meu mestre.

¹⁴ A todo o custo. (Nota conforme o original do site Domínio Público).

BARÃO, *friamente*: É isso.

D. HELENA: Aceito.

BARÃO: Obrigado.

D. HELENA: Parece-me que ficou triste?

BARÃO: Fiquei, pois que só adivinhou metade do meu pensamento. Não adivinhou que eu... Por que o não direi? Di-lo-ei francamente... Não adivinhou que...

D. HELENA: Que...

BARÃO, *depois de alguns esforços para falar*: Nada... Nada...

D. LEONOR, *dentro*: Não admito!

Cena XIV

D. Helena, Barão, d. Leonor, d. Cecília.

D. CECÍLIA, *entrando pelo fundo com d. Leonor*: Mas, titia...

D. LEONOR: Não admito, já disse! Não te faltam casamentos. (*Vendo o barão.*)

Ainda aqui!

BARÃO: Ainda e sempre, minha senhora.

D. LEONOR: Nova originalidade.

BARÃO: Oh! Não! A coisa mais vulgar do mundo. Refleti, minha senhora, e venho pedir para meu sobrinho a mão de sua encantadora sobrinha. (*Gesto de Cecília.*)

D. LEONOR: A mão de Cecília!

D. CECÍLIA: Que ouço!

BARÃO: O que eu lhe pedia há pouco era uma extravagância, um ato de egoísmo e violência, além de descortesia que era, e que V. Exa. me perdoou, atendendo à singularidade das minhas maneiras. Vejo tudo isso agora...

D. LEONOR: Não me oponho ao casamento, se for do agrado de Cecília.

CECÍLIA, *baixo a d. Helena*: Obrigada! Foste tu...

D. LEONOR: Vejo que o Sr. Barão refletiu.

BARÃO: Não foi só reflexão, foi também resolução.

D. LEONOR: Resolução?

BARÃO, *gravemente*: Minha senhora, atrevo-me a fazer outro pedido.

D. LEONOR: Ensinar botânica a Helena? Já me deu vinte e quatro horas para responder.

BARÃO: Peço-lhe mais do que isso; V. Exa. que é, por assim dizer, irmã mais velha de sua sobrinha, pode intervir junto dela para... (*Pausa.*)

D. LEONOR: Para...

D. HELENA: Acabo eu. O que o Sr. Barão deseja é a minha mão.

BARÃO: Justamente!

D. LEONOR, *espantada*: Mas... Não compreendo nada.

BARÃO: Não é preciso compreender; basta pedir.

D. HELENA: Não basta pedir; é preciso alcançar.

BARÃO: Não alcançarei?

D. HELENA: Dê-me três meses de reflexão.

BARÃO: Três meses é a eternidade.

D. HELENA: Uma eternidade de noventa dias.

BARÃO: Depois dela, a felicidade ou o desespero?

D. HELENA, *estendendo-lhe a mão*: Está nas suas mãos a escolha. (*A d. Leonor.*) Não se admire tanto, titia; tudo isto é botânica aplicada.

FIM

Submetido em: 06 dez. 2021

Aprovado em: 04 jan. 2022